



O trabalho intitulado **ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE E SEGURANÇA DOS TRABALHADORES**, de autoria de **MISLENE APARECIDA GONÇALVES ROSA** e **Daisy Moreira Cunha** foi aprovado na modalidade Edital 03 - Comunicação Oral para GTs, para apresentação no evento XIX Encontro Nacional da ABET a ser realizado de 29 de julho de 2025 a 02 de agosto de 2025.

FLORIANÓPOLIS-SANTA CATARINA-BRASIL

Diretoria Executiva da ABET 2024-2025 - site.abet@gmail.com

Data do Aceite: 30-05-2025



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

Grupo Temático 08: Trabalho e Educação

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE E SEGURANÇA DOS TRABALHADORES¹

ROSA, Mislene Aparecida Gonçalves – misleneag@gmail.com

Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI

CUNHA, Daisy Moreira – daisycunhaufmg@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a organização e a carga de trabalho, destacando seu papel central na compreensão dos determinantes que afetam a saúde e a segurança dos trabalhadores, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Ergonômica e da Ergologia do Trabalho. A problemática de pesquisa emergiu a partir de reuniões com Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção do Mobiliário e da Extração de Mármore, Calcário e Pedreiras da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG, nas quais foram recorrentes preocupações sobre as condições de trabalho no setor mineral. A metodologia adotada envolveu a construção participativa de um questionário, com perguntas abertas e fechadas, elaborado em conjunto com diretores sindicais e aplicado, em meio eletrônico, aos trabalhadores do setor. A organização do trabalho revelou-se como um campo dinâmico, atravessado por múltiplas dimensões que se apresentam como determinantes para a compreensão da saúde e da segurança no trabalho. Ela estabelece uma lógica prescrita que estrutura, distribui e regula a execução das tarefas no ambiente de trabalho. Essa organização se fundamenta em três dimensões principais — técnica, social e econômica — que não atuam de forma isolada, elas se sobrepõem e interagem constantemente, influenciando de maneira direta a saúde e a segurança. Os resultados evidenciaram que a organização do trabalho pode tanto favorecer quanto prejudicar a saúde e a segurança dos trabalhadores. Quando centrada apenas em produtividade e rentabilidade, tende a comprometer a saúde e segurança. Porém, quando considera a atividade real, as singularidades humanas e o papel ativo dos trabalhadores, pode promover saúde e segurança. Nesse sentido, a promoção da saúde e da segurança no trabalho vai além da simples prevenção de adoecimentos e acidentes, envolvendo a valorização do trabalhador como protagonista de sua própria saúde e segurança.

Palavras-chave: Mineração. Ergonomia. Ergologia. Saúde e Segurança no Trabalho.

¹ A pesquisa foi realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

INTRODUÇÃO

A organização do trabalho revela-se como um campo dinâmico, atravessado por múltiplas dimensões que se apresentam como determinantes para a compreensão da saúde e da segurança no trabalho. Ela estabelece uma lógica prescrita que estrutura, distribui e regula a execução das tarefas no ambiente de trabalho. Essa organização se fundamenta em três dimensões principais — técnica, social e econômica — que não atuam de forma isolada, elas se sobrepõem e interagem constantemente, influenciando de maneira direta a saúde e a segurança de trabalhadores e trabalhadoras.

A dimensão técnica da organização do trabalho inclui a estruturação dos tempos e espaços, o arranjo físico, a alocação de tarefas, os modos de controle e os dispositivos tecnológicos disponíveis. Segundo Guérin et al. (2001), esse modelo de decisão, centrado nos recursos técnicos, busca adaptar os "meios" humanos às características técnicas e organizacionais do sistema de trabalho. No entanto, essa forma de organização tende a desconsiderar a variabilidade inerente ao trabalho real, o que pode acarretar consequências para a saúde e a segurança dos trabalhadores. Essa lógica de concepção ignora a singularidade do humano, subestimando o trabalhador como agente ativo no processo de trabalho. Neste contexto, a ineficiência da organização do trabalho “se expressa em noções como a de erro humano, atribuindo precipitadamente a responsabilidade de um incidente de produção ou de um acidente material aos próprios trabalhadores” (GUÉRIN et al., 2001, p. 2).

A organização do trabalho é também uma construção social dinâmica, moldada por interesses diversos e, geralmente, antagônicos entre os diversos atores sociais, ela é atravessada por relações de poder que se materializam nas formas de controle e regulação do trabalho. Conforme Santos e Lacaz (2011, p. 97), interferir na forma como o trabalho está organizado em favor da saúde e segurança dos trabalhadores — como a redução do ritmo de trabalho, o aumento do número de trabalhadores, a modificação do conteúdo das tarefas, ou mudanças na dinâmica das relações interpessoais e na estrutura hierárquica — acarreta consequências diretas para os interesses do Capital. Nesta situação os trabalhadores são implicitamente tratados como "meios de trabalho", considerados adaptáveis aos constrangimentos impostos pelas decisões técnicas e organizacionais, sendo suas capacidades de adaptação tidas como infinitas (GUÉRIN et al., 2001, p. 6).

A organização do trabalho está enraizada nas exigências econômicas do modo de produção capitalista, sendo estruturada para maximizar a produtividade e o lucro. Essa lógica impõe uma



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

racionalização dos tempos, movimentos e ritmos de produção. Canguilhem (2001, p.120) chama a atenção para o fato de que “todo homem quer ser sujeito de suas normas”. Nessa perspectiva, a promoção da saúde e da segurança no trabalho pode configurar-se como um processo de constituição de saberes pelos próprios trabalhadores, que, diante das diferentes situações de trabalho buscam criar normas próprias para lidar com os desafios do meio.

A organização do trabalho não é uma estrutura meramente técnica, mas sim uma construção econômico-social complexa, historicamente situada e atravessada por múltiplas determinações. Ela se constitui a partir de uma dinâmica conflituosa entre diferentes atores sociais – empregadores, trabalhadores, sindicatos, Estado – cujos interesses, muitas vezes, se contrapõem.

CARGA DE TRABALHO

Ao estabelecer prescrições, metas, ritmos, modos de controle e acesso a recursos materiais e simbólicos, a organização do trabalho configura e condiciona a carga de trabalho. “A noção de carga de trabalho pode ser interpretada a partir da compreensão da margem de manobra da qual dispõe um operador num dado momento para elaborar modos operatórios tendo em vista atingir os objetivos exigidos, sem efeitos desfavoráveis sobre seu próprio estado” (GUÉRIN et al., 2001, p. 67). O autor explica que a carga de trabalho não é algo mensurável em número de horas ou esforço físico, ela está vinculada à margem de liberdade que o trabalhador tem para organizar e improvisar modos de fazer o trabalho, ajustando-se às exigências sem sacrificar sua saúde física ou mental.

A carga de trabalho pode se expressar em um conjunto de exigências físicas, cognitivas e psíquicas impostas ao trabalhador, trata-se de uma construção dinâmica, que emerge da relação mútua estabelecida entre elementos objetivos do trabalho e as estratégias mobilizadas pelos trabalhadores para enfrentar as exigências do trabalho real. De acordo com Falzon (2016), os constrangimentos do trabalho, sejam eles materiais ou imateriais, podem reduzir a atividade do trabalhador a um único modo de execução, repetitivo, o que pode resultar em consequências para a saúde física e psíquica, como lesões musculoesqueléticas, desgaste profissional ou insatisfação com o trabalho.

As cargas de trabalho não se somam de forma linear, elas se combinam e interagem no corpo e na mente de cada trabalhador, uma mesma tarefa pode ter diferentes impactos sobre diferentes trabalhadores, porque cada um mobiliza singularmente seus recursos físicos, cognitivos, afetivos, éticos e sociais para lidar com as exigências do trabalho. A abordagem ergonômica do trabalho propõe compreender como as cargas (físicas, cognitivas, organizacionais etc.) interagem e podem amplificar



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

ou atenuar efeitos umas das outras — e que muitas vezes isso escapa à visão de quem analisa apenas fatores isolados.

METODOLOGIA

O objetivo da pesquisa é discutir a relação entre a organização e a carga de trabalho, destacando seu papel central na compreensão dos determinantes que afetam a saúde e a segurança dos trabalhadores, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Ergonômica e da Ergologia do Trabalho.

A problemática de pesquisa surgiu a partir de reuniões realizadas com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção, do Mobiliário e da Extração de Mármore, Calcário e Pedreiras da região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Nessas ocasiões, as pesquisadoras participaram de encontros com diretores sindicais de diferentes empresas, nos quais temas relacionados à saúde e segurança no trabalho se mostraram recorrentes. A partir dessas discussões, emergiu a questão: como a organização do trabalho, estruturada pelas dimensões técnica, social e econômica, impacta a saúde e a segurança dos trabalhadores?

Nesse cenário, as pesquisadoras propuseram aos dirigentes sindicais a construção de um questionário com questões abertas e fechadas, a ser aplicado aos trabalhadores e trabalhadoras das empresas, com o objetivo de compreender melhor a percepção desses trabalhadores sobre saúde e segurança em seu ambiente de trabalho.

As questões do questionário foram previamente elaboradas pelas pesquisadoras e apresentadas aos diretores sindicais durante uma reunião no sindicato. Na ocasião, foi solicitado que eles respondessem às perguntas e fizessem comentários sobre a clareza e a objetividade de cada uma. Além disso, foram convidados a sugerir novas questões que fizessem sentido em relação às suas práticas profissionais. Após a discussão das questões do questionário e a incorporação das alterações e sugestões feitas pelos diretores sindicais, o instrumento foi considerado validado e pronto para ser aplicado junto aos trabalhadores nas empresas. O questionário foi elaborado em meio eletrônico, utilizando a plataforma Google Formulários, que gerou um link de acesso. Esse link foi repassado por cada diretor sindical aos trabalhadores de sua respectiva empresa.

As pesquisadoras esclareceram aos diretores sindicais que os trabalhadores deveriam ser convidados a responder ao questionário de forma voluntária, com a possibilidade de recusarem a



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

participação, caso desejassem. Foi ressaltado que todas as respostas seriam anônimas e que os dados referentes ao perfil dos participantes seriam tratados com padrões específicos de sigilo. Essas informações constavam no próprio questionário, que também apresentava o objetivo da pesquisa, a instituição envolvida e os nomes das responsáveis pelo estudo. Além disso, foi disponibilizado o e-mail das pesquisadoras para eventuais dúvidas ou esclarecimentos.

O link para acesso ao questionário permaneceu disponível para recebimento de respostas no período de 27 de novembro de 2024 a 30 de março de 2025. Ao final desse prazo, foram registradas 14 respostas. Os dados coletados serão apresentados e discutidos ao longo desta comunicação.

Importante ressaltar que o estudo aqui apresentado integra o projeto mais amplo intitulado “Conexões de saberes sobre trabalho: diversidade produtiva, ofícios e trabalhadores da mineração”, que tem como objetivo caracterizar as relações e as condições de trabalho no setor mineral, com foco nas transformações ocorridas nas pequenas e médias minas de calcário e outros minerais utilizados na indústria do cimento e na construção civil em Minas Gerais. A pesquisa investiga a experiência laboral de trabalhadores em postos estratégicos do setor, utilizando a Análise Ergonômica do Trabalho, a Abordagem Ergológica do Trabalho, com ênfase em narrativas da atividade, e entrevistas de explicitação para compreender suas práticas, saberes e valores.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Quanto ao perfil dos trabalhadores que responderam ao questionário, 100% eram do sexo masculino, com idades entre 30 e 60 anos. Em relação ao estado civil, 93% declararam ser casados ou viver em união estável. No que se refere à escolaridade, 13 participantes (93%) possuíam ensino médio ou técnico completo, enquanto 1 tinha o ensino fundamental completo.

Quanto ao tempo de atuação no setor mineral, 13 trabalhadores relataram estar no setor há pelo menos 10 anos, e um afirmou ter entre 1 e 5 anos de experiência. Sobre a modalidade de contratação, todos os participantes (100%) eram empregados primarizados, vinculados diretamente à empresa.

Em relação ao turno de trabalho, 9 trabalhadores (64,3%) atuavam em regime de revezamento ou noturno, enquanto 5 trabalhavam em turno diurno. No que se refere ao turno de trabalho, os participantes foram questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas ao atuar nesse regime, especialmente no que diz respeito ao bem-estar físico, mental e à vida pessoal. Um dos trabalhadores



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

que atua em regime de revezamento respondeu: *“O cansaço, pelo motivo de ser 12 horas, é principalmente agora a pressão da chefia que qualquer parada inventa atividades extras pois a noite nessas paradinhas podíamos descansar um pouco”*.

Quando o trabalhador relata que, no turno da noite, as paradas de produção — ainda que motivadas por imprevistos — eram utilizadas como momentos de descanso e recomposição para suportar a jornada, evidencia-se uma estratégia informal de gestão do desgaste. No entanto, ao buscar ocupar todo o tempo de trabalho — inclusive por meio prescrição de extras — a empresa demonstra uma lógica de organização que desconsidera essas necessidades. Isso revela que a organização do trabalho não é algo estático, mas sim um processo em permanente construção e reconstrução, no qual os trabalhadores resistem, adaptam-se e, por vezes, transformam as condições que lhes são impostas.

Os trabalhadores também foram questionados se sentem dores ou desconfortos durante ou após a jornada de trabalho, bem como as estratégias utilizadas para lidar com essas situações. Sete participantes (54%) responderam afirmativamente, relatando sentir desconforto com regularidade. Como formas de enfrentamento, mencionaram a realização de pausas durante o expediente e o uso de medicamentos.

Ao discutir como a organização do trabalho é estruturada, observa-se que, muitas vezes, ela impõe de forma rígida um conjunto de normas e ritmos ao trabalhador. Essa imposição pode ter um custo elevado para a saúde e a segurança, especialmente quando há pouco ou nenhum espaço para adaptação. Como destacam Guerin et al. (p.52), “quando os constrangimentos são muito severos, e a organização do trabalho ou a concepção do posto não deixam possibilidade de ‘fazer de outro jeito’, os operadores mais velhos encontram dificuldade para realizar o trabalho esperado; só se mantêm em seu posto à custa de agressões à sua saúde e de uma fadiga muito maior.”

No questionário, os trabalhadores foram convidados a descrever quais medidas poderiam ser adotadas para melhorar a saúde e a segurança no ambiente de trabalho. A maior parte das queixas e sugestões de melhoria estava relacionada à organização do trabalho, com destaque para questões envolvendo os turnos de trabalho e a pressão exercida pela chefia em função de metas e cobranças por produtividade. A seguir, destacam-se alguns relatos dos participantes: *“Para o pessoal que trabalha de turno, troca da escala que é 6x2, não existe folga de dois dias, apenas um dia e o trabalhador não tem vida social”*; *“Nosso horário noturno é muito desgastante, e nós temos o intervalo de descanso, muito curto devido o horário ser de 12 horas”*; *“Menos pressão psicológica*



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

nos trabalhadores”; “Os novos gestores de hoje estão mais preocupados com números. Segurança e saúde estão ficando em segundo plano”.

Estruturas organizacionais que priorizam o desempenho e a produtividade têm contribuído para o adoecimento e a precarização das condições de segurança, muitas vezes de forma silenciosa e naturalizada no ambiente de trabalho. Oliveira et al. (2011, p. 145) concluem que, para o processo de melhoria das condições de trabalho, é fundamental garantir a participação dos trabalhadores na identificação e resolução dos problemas relacionados à saúde e segurança.

Ao analisar as interações entre os trabalhadores e os elementos que compõem a organização do trabalho, torna-se fundamental adotar uma perspectiva crítica e transformadora, capaz de evidenciar os impactos dessas relações sobre a saúde e a segurança. A sobrecarga, nesse contexto, pode ser agravada pela impossibilidade de realizar pausas, pela pressão constante por resultados ou ainda por falhas no processo de organização do trabalho que desconsideram a variabilidade inerente às situações de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização do trabalho diz respeito às escolhas técnicas, sociais e econômicas que moldam o conteúdo e as condições em que o trabalho é realizado. Ela pode tanto favorecer quanto comprometer a saúde e a segurança dos trabalhadores. Quando estruturada com base em decisões centradas exclusivamente na produtividade e na rentabilidade, sem considerar o ponto de vista dos trabalhadores e as variabilidades do trabalho real, tende a comprometer essas dimensões. Por outro lado, a organização do trabalho pode promover a saúde e a segurança quando é construída a partir do ponto de vista da atividade, respeitando as singularidades do humano, favorecendo margens de manobra frente às normas e reconhecendo o papel ativo do trabalhador na criação de soluções. Nesse sentido, a promoção da saúde e da segurança no trabalho vai além da simples prevenção de adoecimentos e acidentes, envolvendo a valorização do trabalhador como protagonista de sua própria saúde e segurança.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3, p. 109-121, 2001.

FALZON, Pierre. **Ergonomia construtiva**. Editora Blucher, 2016.



Trabalho e direitos no Século XXI: cenário de destruição e vias de reconstrução

29/07 a 02/08 de 2025, em Florianópolis

GUÉRIN, François; KERGUELEN, Alan; LAVILLE, Antoine. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. Editora Blucher, 2021.

OLIVEIRA, Paulo Antônio Barros et al. A implantação de políticas públicas de ergonomia na saúde do trabalhador: a experiência participativa do ministério do trabalho e emprego. In: MINAYO, Carlos; MACHADO, Jorge Mesquita Huet; PENA, Paulo Gilvane Lopes. **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. Editora Fiocruz, 2011.

SANTOS, Ana Paula Lopes; LACAZ, Francisco Antônio de Castro. Saúde do Trabalhador no SUS: contexto, estratégias e desafios. In: MINAYO, Carlos; MACHADO, Jorge Mesquita Huet; PENA, Paulo Gilvane Lopes. **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. Editora Fiocruz, 2011.